

OUVINDO O SILÊNCIO

O hibridismo entre as linguagens é sempre fascinante e acompanha os meus projetos, a minha poética. Em Poema Gravado usei a palavra a partir da sua sonoridade transformando-a em imagem gráfica através da gravura em metal, a colagem e a utilização da escrita manual.

Em reflexões sobre os estados de solidão na vida humana, na natureza, começo a esboçar poemas e a desenhar seu espaço. Intrinsecamente eles sugeriam uma visibilidade. Eles queriam ser ouvidos, não poderiam ficar no silêncio.

No meu entorno os objetos cubos e o espaço arquitetônico com os quais convivo diariamente, apareceram como protagonistas essenciais para a instauração das palavras, trazendo a potência visual necessária para fazerem “ruído”. É sempre muito curioso como o espaço estabelece esse diálogo íntimo com o artista. Ambos vão se construindo, muitas vezes com grandes embates, se ouvindo.

Paredes brancas são silenciosas. Ocultam memórias.

Os poemas carregam dores das vozes não ouvidas.

Na turbulência desse mundo acelerado o outro parece não existir. A liquidez do mundo escorre rapidamente. Esse outro é também a natureza espoliada.

Paisagens, palavras, linhas, conexões, interligações um mundo subterrâneo sustenta o que está na superfície. Para darmos conta disso é preciso parar, olhar, ouvir.

Transponho para as solitárias paisagens a solidão do abandono que vem sofrendo também a natureza. Estamos interligados. As relações dos seres vivos urgem serem regatadas. Os sons ancestrais do universo precisam ser sentidos e também a sensação de nos maravilharmos novamente com o mundo minúsculo e simples, no qual estamos imersos, um mundo azul ao qual me subordino irremediavelmente.

Norma Vieira

